



O Gosto da Guerra: quando o Novo Jornalismo remonta ao inferno dos anos 60 no Vietnã

Thiago Chiapetti¹

Marielle Sandalovski Santos²

Fadep - Faculdade de Pato Branco

Resumo

Este artigo analisa trechos do livro-reportagem autobiográfico *O Gosto da Guerra*, do jornalista José Hamilton Ribeiro, que se utiliza de características do Novo Jornalismo para narrar o drama que viveu no Oriente Médio, em 1960, ao cobrir a guerra no Vietnã. Para auxiliar na análise, são caracterizados o Novo Jornalismo e um de seus produtos, o livro-reportagem. Destaque especial é conferido à característica narrativa denominada de riqueza de detalhes, devido à frequência em que é utilizada no objeto de estudo. Entre os autores que embasam a discussão estão Lima (2004), Santos (2007), Wolfe (2005).

¹Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

Acadêmico do oitavo período do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – da FADEP (Faculdade de Pato Branco).

Professora orientadora. Mestre em Comunicação e Linguagens pela UTP, especialista em Gestão de Negócios e Marketing pela UNIFAE, graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UEPG. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da FADEP.



Palavras-chave

Novo Jornalismo; livro-reportagem; Vietnã.

1 Introdução

De que maneira um leitor ocidental poderia presenciar o combate entre americanos e vietnamitas, no Oriente, sem precisar literalmente voltar no tempo e deixar a tranquilidade de sua própria cidade? Seria possível transmitir a sensação infernal de uma guerra que se passou no Vietnã, nos anos 1960, através de um livro-reportagem? É diante de questionamentos como esses que a presente pesquisa pretende problematizar a característica narrativa denominada de riqueza de detalhes, trabalhada pelo Novo Jornalismo e utilizada no livro-reportagem *O Gosto da Guerra*, escrito pelo jornalista José Hamilton Ribeiro.

Para isso, pretende-se discorrer sobre as principais características trabalhadas pelos adeptos do Novo Jornalismo, com destaque para o recurso denominado de riqueza de detalhes. Na seqüência, são selecionados e analisados trechos do livro-reportagem em questão para identificar os momentos descritos na obra que remontam à vida infernal que viveu o jornalista José Hamilton Ribeiro, no Vietnã, em março de 1968.

2 Novo Jornalismo

O Novo Jornalismo surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, com a aproximação entre a linguagem literária e a jornalística. O que a expressão Novo Jornalismo indica ainda gera controvérsias, porque o termo *novo* não representa com exatidão os acontecimentos que provocaram o início do Novo Jornalismo. Tom Wolfe (2005) sustenta que qualquer teoria definida como *nova* lembra confusão. Contudo, esse foi o substantivo mais adequado para expressar a revolução na forma de fazer jornalismo.



[...] “Novo Jornalismo” foi a expressão que acabou pegando. Não era nenhum “movimento”. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha; nem mesmo um bar onde se reunissem os fiéis, visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade. (WOLFE, 2005, p. 41).

De acordo com Marielle Sandalovski Santos (2007, p. 115), o Novo Jornalismo pode ser percebido como “[...] uma espécie de mistura entre dois gêneros discursivos, o jornalístico e o literário, o que potencializa a narrativa [jornalística].” Para Resende (apud SANTOS, p. 114), essa mistura é comparada a um “encontro de águas” jornalísticas e literárias. E esse encontro foi possível porque:

[...] as águas do jornalismo estavam turvas, ou seja, borradas pelos padrões de objetividade [...] e as águas da literatura voltaram a se misturar às cores do mito, da fábula. Assim, se tanto as águas do jornalismo quanto as da literatura apresentavam alterações indesejadas, houve aqueles que provocaram o encontro das mesmas e, da mistura, resultou o Novo Jornalismo. (SANTOS, 2007, p. 114).

Wolfe (2005) trata da origem do Novo Jornalismo com um comparativo. Ele relata a época em que os repórteres americanos se dividiam em dois grupos, um que competia pelo furo jornalístico e o outro composto por aqueles que desejavam se tornar romancistas ao longo da carreira, denominados ironicamente pelo autor de “repórteres especiais”. Ou seja, enquanto uns se preocupavam em fazer o jornalismo tradicional, os outros se desafiavam em produzir um bom romance, na maioria das vezes com o interesse de obter ascensão social.

Com o surgimento do Novo Jornalismo, os escritores literários passaram a criticar os jornalistas, acusando-os de escreverem sem se comprometer com a verdade e produzirem literatura de baixo nível. Era natural que o “pânico atingisse primeiro os homens de letras.” (WOLFE, 2005, p. 44). Eles se preocuparam porque poderiam perder a posição de elite entre os escritores. Porém, não era esse o objetivo do Novo Jornalismo, que se apropria de recursos narrativos da literatura para contar uma boa história — jornalística.

3 Livro-reportagem



Os escritores literários desejavam que o novo estilo de fazer jornalismo desaparecesse, porém, aconteceu o contrário. Em 1966, Truman Capote publicou o livro *A Sangue Frio*, uma obra que surgiu para contribuir ainda mais com o Novo Jornalismo. Um ano antes, o texto foi veiculado em capítulos, na *The New Yorker*. Assim que virou livro, repercutiu em vários países. O enredo é resultado de uma investigação sobre a morte de membros de uma rica família rural, em Kansas, nos Estados Unidos, vítima de dois assassinos.

Foi uma sensação — e um baque terrível para todos os que esperavam que o maldito Novo Jornalismo ou Parajornalismo se esgotasse como uma moda. Afinal, ali estava não um jornalista obscuro, nem algum escritor freelance, mas um romancista de longa data... cuja carreira estava meio parada... e, de repente, de um só golpe, com aquela virada para a maldita forma nova de jornalismo, não só ressuscitava sua reputação, mas a elevava mais alto que nunca antes... e, em troca, tronava-se uma celebridade da mais inacreditável magnitude. Pessoas de todo tipo leram *A sangue frio*, pessoas de todos os níveis de gosto. Todo mundo foi absorvido por aquilo. O próprio Capote não chamava seu livro de jornalismo; longe disso; dizia que tinha inventado um novo gênero literário, “o romance de não-ficção”. Porém, seu sucesso atribuiu uma força esmagadora àquilo que logo viria a ser chamado de Novo Jornalismo. (WOLFE, 2005, p. 45-46).

O Novo Jornalismo passou a influenciar a geração de jornalistas que precedeu os pioneiros dessa corrente. E parte dessa influência se deve ao sucesso da série de reportagens de Capote que virou livro-reportagem. Este é definido por Edvaldo Pereira Lima (2004 p. 1) como: “[...] veículo de comunicação jornalística bastante conhecido nos meios editoriais do mundo ocidental. Desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e idéias de relevância social [...]”.

No Brasil, obras como *Olga*, de Fernando de Moraes; *Os passageiros do trem N*, de Sérgio Vilas Boas; *Conversas com Vargas Llosa*, de Ricardo Setti; *1968 o ano que não terminou: a aventura de uma geração*, de Zunir Ventura; *Estrala solidária*, de Ruy Castro, e *Ayrton Senna: guerreiro de Aquário*, de Evaldo Pereira Lima são citados por Lima (2004, p. 2-3) como exemplos de livros-reportagem. Segundo o autor, apesar das dificuldades do mercado editorial brasileiro, é possível apontar títulos e projetos de incentivo, como o São Paulo de Perfil, da professora da USP (Universidade de São Paulo) Cremilda Medina.



Lima (2004, p. 33) afirma que o livro-reportagem é “[...] muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho”. E o jornalismo literário é a alternativa para esses jornalistas. Conforme Felipe Pena (2006), o jornalismo literário:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13).

A percepção do autor se refere ao fato de que os jornalistas sérios devem buscar, no jornalismo literário, a fuga para o comprometimento com a abordagem tradicional dos fatos, ou seja, aquela amarrada aos manuais de redação, que resulta demasiado reducionista frente à complexidade do real.

4 Principais características narrativas do Novo Jornalismo

Com a aproximação entre jornalismo e literatura, o Novo Jornalismo passou a ser praticado como alternativa para ampliar a abordagem dos fatos noticiados através do modelo tradicional de jornalismo. O texto jornalístico recebeu quatro novas características provenientes da literatura. O diferencial em relação ao romance e demais obras literárias, no entanto, é que, no livro-reportagem e nos demais produtos do Novo Jornalismo são escritas histórias de não-ficção. Conforme Wolfe (2005), os novos jornalistas se apropriam dos seguintes recursos textuais literários para enriquecer a narrativa jornalística: descrição cena a cena, diálogo, ponto de vista da terceira pessoa e riqueza de detalhes.

O autor define como “poder extraordinário” a nova alternativa de fazer jornalismo ao utilizar algumas das características narrativas literárias. Ele escreve que “o básico era a construção cena a cena, contar a história passando de cena para cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica.” (WOLFE, 2005, p. 53-54). Para Santos (2007, p. 159), a construção cena a cena exige habilidades do repórter, como estar bem informado,



deslocamento rápido, raciocínio aguçado e sagacidade: “[...] para não deixar passar despercebidos detalhes que, à primeira vista, soem como desprezíveis.”

Outro recurso utilizado pelo livro-reportagem é o emprego de diálogo. “Também ligado à transparência da linguagem, o registro das falas das personagens tem um uso peculiar [...] esse processo narrativo realista tem a função de instaurar marcas de coloquialidade nos diálogos e, dessa maneira, neutralizá-los.” (COSSON, 2001, p. 58-59).

O ponto de vista da terceira pessoa também está entre os recursos utilizados no livro-reportagem. Santos (2007, p. 130) escreve que “a técnica possibilitava ao leitor ter a sensação de que visualizada a cena a partir dos olhos da personagem”. A característica narrativa do ponto de vista da terceira pessoa é definida por Wolfe (2005) como “a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de uma personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta.” (WOLFE, 2005, p. 54). Em seu texto, o autor narra a cena a partir dos olhos da personagem, isso proporciona ao leitor a sensação de enxergar a narrativa pela mesma ótica.

Outra característica do texto do Novo Jornalismo é a riqueza dos detalhes narrados. “Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer [...] e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena”. (WOLFE, 2005, p. 55). Lima (2004) salienta, ainda, que a descrição é compreendida como a representação particularizada de seres, objetos e ambientes. “O observador pega o leitor pela mão, conduzindo-o a um espaço onde a descrição, carregada do elemento emocional, serve não apenas para detalhar uma situação presente como também para evocar [...] um passado.” (LIMA, 2004, p. 151).

Conforme Santos (2007, p. 132-133), “[...] a descrição deve ser realizada com vistas a oferecer ao leitor elementos que o auxiliem na elaboração mental do que é narrado e o façam, da forma mais intensa possível, mergulhar no universo da trama, ambiente que, *a priori* é, provavelmente, bem diferente daquele da sala ou do quarto no qual o leitor explora o relato”. A característica narrativa de registro de detalhes destaca-se na obra *O gosto da Guerra*, sobre a qual se discorre a seguir.



5 O Gosto da Guerra

O livro-reportagem *O gosto da Guerra*, integra a coleção Jornalismo de Guerra, publicada pela editora Objetiva, do Rio de Janeiro, em 2005. O referido livro-reportagem narra o dia-a-dia do autor, o jornalista José Hamilton Ribeiro, em 1968, no Vietnã. Ele deveria passar apenas 40 dias naquele país, mas mergulhou num inferno por causa de uma foto. E é esse sentimento infernal que Ribeiro descreve no diário dramático que emociona, alegra, entristece e desvenda os mistérios peculiares de uma cobertura jornalística aliada ao gosto de uma guerra travada entre americanos e vietnamitas. A sensação de estar no campo de batalha junto com o autor é evidenciada nessa obra, cuja narrativa se apropria dos recursos oferecidos pelo Novo Jornalismo.

No dia 20 de março, o fotógrafo japonês Shimamoto pediu para que Hamilton o acompanhasse numa batida dos soldados americanos no norte do Vietnã, numa das regiões mais perigosas da guerra. Embora o trabalho estivesse encerrado — eles iriam para Saigon no dia seguinte — Shimamoto não tinha achado ainda a sua foto de capa. Andar naquela região era como estar numa roleta russa. Terreno minado, morte certa. Ao descer do helicóptero, Hamilton já se deparou com o horror. Três soldados feridos numa mina. Vinte quilômetros depois, nova explosão. O soldado Henry que os acompanhava disse: "Feridos! Vamos correr para você poder fotografar". Hamilton correu e Shimamoto ganhou a sua foto de capa. Acabou fotografando o próprio Hamilton ferido, depois do acidente. (OBJETIVA, 2005).

A primeira edição de *O gosto da Guerra*, com data de 1969, estava esgotada havia mais de 20 anos. Na edição de 2005, o autor José Hamilton Ribeiro revisou a obra e acrescentou o relato sobre a sua volta ao Vietnã, três décadas depois.

O jornalista José Hamilton Ribeiro, atualmente com 70 anos, é paulista de Santa Rosa do Viterbo e tem 43 anos de profissão. “Ao longo de sua carreira esteve à frente da criação da revista Realidade, que se tornou um paradigma do jornalismo brasileiro e da Quatro Rodas.” (OBJETIVA, 2005). Ribeiro já trabalhou no jornal Folha de S. Paulo e nos programas Globo Repórter e Fantástico, da TV Globo. Há 20 anos, exerce a função de repórter e editor do Globo Rural, programa da emissora global destinado a abordagens de temas relacionados à vida no campo. Zé Hamilton, como é conhecido, acumula sete prêmios



Esso e teve seu rosto escolhido pela revista Ícaro, em 2004, para representar o jornalismo brasileiro.

A Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória e a Construção da História da Imprensa no Brasil (2008) publicou texto biográfico sobre José Hamilton Ribeiro, com datas dos veículos em que ele trabalhou. Neste trecho, destaca a cobertura do combate vietnamita:

Em 1968, foi correspondente de guerra no Vietnã. Em uma de suas reportagens durante essa cobertura, perdeu uma perna, despedaçada na explosão de uma mina, mas o acidente não o deteve e ele continuou a exercer seu notório saber de repórter. Em 1969, recebeu mais um Prêmio Esso de Jornalismo individual. Lançou o livro "O Gosto da Guerra" em 1969. (REDE ALFREDO DE CARVALHO PARA O RESGATE DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL, 2008).

Sérgio Dávila (2005) escreve no prefácio de *O Gosto da Guerra* que o relato de José Hamilton Ribeiro é “quente”.

Um documento jornalístico importante, que marcou gerações de repórteres e aspirantes, os quais passavam uns para os outros nas redações e faculdades cópias de sebo ou xerox piratas do livro esgotado. Eu sei porque fui um deles. Achar Realidade que trazia José Hamilton Ribeiro na capa era acertar na quina. Encontrar o livro era ganhar sozinho na Supersena, acumulada. (DÁVILA, 2005, p. 2-3).

A definição “quente” do jornalista Dávila, que também foi correspondente de guerra, mas no Iraque, em Bagdá, representa o sentimento dos estudantes e dos repórteres profissionais que, por longos anos, contribuíram para a divulgação da obra.

6 Análise

O drama que o jornalista José Hamilton Ribeiro viveu no Vietnã está presente em *O Gosto da Guerra* através das características do Novo Jornalismo, especialmente da riqueza de detalhes. O trecho em que Hamilton ouve uma explosão, segue em busca do fato e pisa em uma mina, que o torna também vítima, é o momento de maior destaque. Nessa



passagem, são evidenciados os pensamentos de Ribeiro e a descrição dos instantes de angústia e de consciência diante de uma situação previsível.

Henry propõe:

Vamos até lá? Você talvez consiga ótimas fotos.

Eu não acho que um soldado morrendo seja uma boa foto, hesito, mas Henry insiste:

_ Vamos?

_ Ok, vamos!

Ele foi na frente, seguindo o mesmo caminho usado pelos enfermeiros. E eu fui atrás dele. Nem bem dei uns cinco passos quando o estrondo de uma explosão povoou inteiramente meus ouvidos. Um zumbido agudo e interminável brotava na minha cabeça. Uma nuvem negra de uma fumaça fez desaparecer tudo à roda e eu tive a impressão, nítida, de que a bomba explodira exatamente em cima do soldado Henry. Quando a fumaça se dissipou um pouco e eu ainda não via Henry, imaginei que ele tivesse sido projetado para longe e a essa hora até já deveria estar morto. Ele apareceu na minha frente de repente, com o rosto transformado numa máscara de horror. (RIBEIRO, 2005, p. 19-20).

Ribeiro descreve em sua obra o que viveu. No trecho selecionado, ele utiliza a característica narrativa denominada de riqueza de detalhes e oferece ao leitor a possibilidade de imaginar – através de elementos como o caminho usado pelos enfermeiros, os cinco passos, o estrondo e os pensamentos que vieram à sua mente neste momento.

Para Lima (2004, p. 151), “no Novo Jornalismo os tipos mais comuns de descrição são, de acordo com Gaudêncio Torquato, a pictórica — que se faz pela soma dos detalhes, o observador imóvel em relação ao que é observado”. O que chama a atenção é que, apesar de Ribeiro descrever o que viveu, também o faz de maneira pictórica. E, através dos seus sentimentos, descreve com propriedade por ter sido ele próprio a vítima da bomba.

No trecho a seguir, o autor evidencia a riqueza de detalhes para contar não apenas o que sentiu, mas o que presenciou. O gosto na boca, a dor e a imagem da perna estilhaçada permitem que o leitor experiencie mentalmente a cena descrita de forma intensa.

Ele [Shimamoto] trazia um cigarro aceso e tentou colocá-lo na minha boca. Não aceitei. Senti na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue — hoje eu sei, era o gosto da guerra. Cuspia, cuspia, mas aquela gosma amarga permanecia na boca. Então senti um repuxão na perna esquerda e só aí tive consciência de que a coisa era comigo. A perna esquerda da calça tinha desaparecido e eu estava, naquele lado, só de cueca; O repuxão



muscular e eu quase não me equilibrava sentado; rodopiava sobre mim mesmo em círculo e aos saltos. Olhei-me de novo: abaixo do joelho, na perna esquerda, só havia tiras de pele, banhadas de sangue, que repuxavam e se arregaçavam, fora do meu controle... Lembrei-me de partes de boi no matadouro quando, penduradas nos ganchos, continuam a tremer e a repuxar em movimentos elétricos. O seccionamento da perna fora no lugar onde terminava o cano da bota, essas botas compridas e resistentes que os soldados usam. A bota tinha saltado inteira, levando pé, canela, barriga da perna, osso, músculo, pele — nem sei se era a minha uma bota no chão, de pé, amarradinha, minando sangue. (RIBEIRO, 2005, p. 20).

O gosto que a guerra possui para Ribeiro é o do desespero de ser vítima de uma bomba e de vivenciar as conseqüências de uma retaliação. Além do gosto na boca, o jornalista cita pedaços de boi no matadouro que permitem imaginar seu estado físico. Ao lado estava a bota minando sangue com pé, canela e batata da perna, osso, músculo e pele. Entre esta imagem e a do seu corpo, sentia o medo da morte e o desespero de querer compreender a situação.

Na seqüência, o diálogo entre Ribeiro, Shimamoto e Henry evidenciam novamente o drama diante de uma situação com risco de morte. Aliado a conversa desesperada dos três, Ribeiro instiga o leitor a imaginar o que ele sentia.

_ Shima, eu vou morrer?

_ No, no, no! Você vai ficar bom, calma, calma.

Passsei, nervosamente a mão pela cabeça, em busca da fratura, e não achei. Mas a quantidade de sangue que escorria da perna esquerda, tingindo de vermelho os arbustos e a grama, não me deixava tranquilo.

_ Henry, eu vou morrer, não vou?

_ Não José. Você vai ficar bom, você vai ficar bom.

Os dois enfermeiros da Companhia estavam cuidando dos feridos da mina anterior à minha — eu não ouvia mais os gritos. Shimamoto e Henry tratavam de mim, mas só davam “assistência moral”. Shima acomodou minha cabeça no seu colo, para que eu não ficasse olhando a perna esquerda, e Henry procurava distrair-me conversando. Eu não conseguia pensar noutra coisa e nem falar outra coisa a não ser “vou morrer”. De uma hora para outra, o gosto amargo na boca e o mal-estar aumentando violentamente — era a dor. Começou aos pouquinhos, e logo tomou conta de mim. Era asfíxiante e total. E eu gritava:

_ Socorro, socorro! Preciso de morfina!

Não vinha ninguém e eu gritava de novo:

_ Socorro, socorro! Morfina, eu preciso, eu preciso! (RIBEIRO, 2005, p. 21).



Enquanto aguardava o alívio que a morfina oferece, Ribeiro foi submetido aos primeiros socorros do capitão Whitekind. Na seqüência, finalmente recebe a visita do enfermeiro que injeta a agulha e acaba com o sofrimento. Entre essas duas cenas, o olhar do jornalista segue o fotógrafo Shimamoto que toma distância para fotografá-lo. Fotografia que possibilitou a Ribeiro, por alguns segundos, mesmo que por frações de segundos, desviar a atenção da dor para o jornalismo. A cena transcrita a seguir, em meio ao horror e a dor, é descrita por Ribeiro com riqueza de detalhes. Esta característica do Novo Jornalismo possibilita que o leitor compreenda claramente o inferno da guerra no Vietnã.

O capitão Whitekind foi quem apareceu primeiro, pois os enfermeiros tinham ainda muito trabalho com os outros feridos, um deles terrivelmente mutilado: perdera as duas pernas e os dois braços; Sem nenhum equipamento médico ou de enfermagem, o capitão deu uma de mocinho de cinema: arrancou o próprio cinto e com ele fez uma laçada na minha perna esquerda. Apertou o mais que pôde e, em seguida, com a faca, cortou um pequeno arbusto, desbastou-o enfiou-o na laçada, entre o cinto e a pele. Fazendo do graveto um garrote, torneou-o bastante para que funcionasse como estancador de sangue. Vi Shimamoto tomando distância para me fotografar, e tive raiva: o desgraçado disse que ia arranjar fotos dramáticas e arranjou mesmo. Enquanto o capitão Whitekind estava em luta com a minha perna, um dos enfermeiros, perdida a batalha para salvar seu ferido, correu para mim. Era um preto, alto, forte, e estava com a testa brilhando de suor. Vinha excitado e nervoso. Demorou para achar num dos bolsos de couro em volta da cintura a caixinha de plástico com a seringa já pronta com a morfina. Achou-a por fim e tentou sofregadamente cortar o envoltório com os dentes, mas não conseguiu. Pediu então a faca do capitão e, com ela, rasgou o plástico apanhou a seringa; Apontou-a na coxa direita, sobre a calça, e injetou a morfina de um golpe só. (RIBEIRO, 2005, p. 22).

Ribeiro é, ao mesmo tempo, irônico e dramático. A mistura desses sentimentos possibilita ao leitor compreender o ambiente, os diálogos e a situação que o jornalista viveu no Vietnã. Desde a percepção do trabalho do enfermeiro até os poucos instantes que antecediam a aplicação de morfina, em momento algum da obra Ribeiro manifesta o arrependimento de aceitar permanecer mais um dia naquele país. Ao contrário, os detalhes apresentados ao longo do texto denunciam sua paixão pela missão de informar, mesmo sob as condições desumanas que viveu longe de casa.



7 Considerações Finais

Ao ler a obra *O Gosto da Guerra* e considerar as características do Novo Jornalismo, em especial a riqueza de detalhes apresentados no texto de Ribeiro, compreende-se que o relato remete ao campo de batalha no Vietnã, ou seja, o leitor é conduzido a imaginar a vida infernal que viveu o autor. Quem sabe os detalhes narrados pelo jornalista imortalizem sua bravura em transformar seu drama em jornalismo e contribuir para a formação de aspirantes a jornalistas.

Salienta-se que essa análise se limita a uma das quatro características empregadas pelo Novo Jornalismo. Outras interpretações são perfeitamente cabíveis diante da amplitude que a obra *O Gosto da Guerra* oferece, embora a riqueza de detalhes predomine ao longo das páginas que separam e aproximam o leitor do território vietnamita minado.

8 Referências

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

DÁVILA, Sérgio. O Repórter-símbolo de várias gerações. In: RIBEIRO, José Hamilton. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Schwarcz, 2005.

RIBEIRO, José Hamilton. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SANTOS, Marielle Sandalovski. **A arte narrativa na rede das redes**: quando o jornalismo digital se aproxima do novo jornalismo. Curitiba, Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

OBJETIVA. **O Gosto da Guerra**: coleção Jornalismo de Guerra. Disponível em: <http://www.objetiva.com.br/objetiva/cs/?q=node/567>. Acesso em: 14 nov. 2008.

REDE ALFREDO DE CARVALHO PARA O RESGATE DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL. **José Hamilton Ribeiro**: 50 anos de jornalismo.



Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/rede_alcar/redealcar60/rede_alcar_capitulos_jose.htm. Acesso em: 14 nov. 2008.